

## **Tristezas e alegria de nossa São Paulo**

Eram dez horas da manhã, eu passeava pelas ruas do centro da cidade. São Paulo pulsava como grande metrópole que é. O passeio mais mal do que bem me fazia. Cansava ver pobres e mendigos espalhados pelas ruas. Muitos ainda dormiam cobertos por mantas ralas que mal protegiam do frio da madrugada.

Andando e andando, cai na cracolândia e aí todas as tragédias se mostraram com homens e mulheres esqueléticos, andando sem rumo de um canto a outro. Tive vontade de gritar: parem, não fumem mais esse cachimbo maldito carregado de craque. O cheiro de maconha dominava o ar e me atingia as narinas deixando-me um pouco tonto. E eu pensava. O que leva essas pessoas a tamanha degradação? O vício os destroem fazendo-os parecer múmias ambulantes, caminhando e caminhando sem lenço nem documento como dizia o poeta compositor.

Caminhando mais um pouco me aproximei do Largo de São Bento e então ouvi com alegria os sinos da igreja baterem as badaladas das onze horas. Desci mais um pouco e entrei pela Avenida São João e cruzei a Avenida Ipiranga. Esquina famosa, cantada por Caetano Veloso numa homenagem à São Paulo. No bar Brahma sentei e ouvi os Demônios da Garoa cantando para os paulistanos.

Mais tarde na Praça da República sentei-me num banco assombreado, relembro os dias de desempregado quando ali na praça eu lia o jornal a procura de emprego.

São Paulo, Dezembro de 2015

(Por Celso Valio Machiaverni - São Paulo - SP)